

Jornal do Professor

Adufg SINDICATO 40 ANOS

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO VI - Nº 51 - OUTUBRO DE 2018

Fotos: Charles Adryel

EDITORIAL

Tempo de decisão

Outubro foi mês de eleição. Para a universidade, permanece a certeza de que o desenvolvimento científico e sua defesa é o caminho central para o progresso contínuo da nossa sociedade. Ciência é o que não falta nesta edição: neste mês foi realizada a I Mostra UFG de Inovação, com dezenas de estandes e instituições participantes. A mostra foi marcada não apenas por inúmeros projetos científicos inovadores, mas por sua aproximação com o mercado e a sociedade, focado no uso prático da ciência na vida das pessoas. Este mês também foi tempo de alegria: registramos o Sarau dos Aposentados do Adufg-Sindicato, marcado por dança, música e diversão apesar dos tempos difíceis. Na marca dos 40 anos, foi a vez de ouvir a história dos professores Tanezini e Rosana Borges, cujas diretorias foram marcadas por mudanças profundas mas também grandes desafios como uma greve longa e muito desafiadora. Não deixamos o aniversário de Goiânia passar em branco e falamos com a professora Celene Barreira sobre os desafios de planejamento urbano na região metropolitana. Por fim, recontamos a trajetória da professora Kazue Yamaguchi, cujos pais vieram do Japão para um país completamente diferente.

Aproveite sua leitura!

Redação: (62) 3202-1280
jornaldoprofessor.adufg@gmail.com



Lamovh: pesquisa em movimento (e expansão)

Criado em 2011, grupo da FEFD publicou 171 artigos científicos em três anos na área de movimento corporal

Páginas 8 e 9



TRAJETÓRIA:

Professora Kazue Yamaguchi dedicou seu amor pela sala de aula para ajudar a criar e desenvolver o primeiro curso de Informática da UFG

Página 16

TECNOLOGIA E NEGÓCIOS

Professora Helena Carasek fala sobre a I Mostra UFG de Inovação realizada este mês

Página 6

MÚSICA

VI edição do Sarau dos Aposentados alegrou a sede do Adufg-Sindicato com diversas manifestações artísticas e musicais

Página 7

ADUFG 40 ANOS

Carlos Tanezini e Rosana Borges: greve e a transformação do sindicato

Página 13

GOIÂNIA

Conversamos com a professora Celene Barreira sobre o aniversário da capital e planejamento urbano

Página 10

prestação de contas

Agosto de 2018

1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros		
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	333.813,95
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	0,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.723,30
1.4	Receitas Financeiras	8.974,21
1.5	Outras Receitas	3.116,91
1.6	Resgate de aplicações financeiras	54.686,32
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	169,34
Total R\$		402.145,35

2 Custos e Despesas Operacionais		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	72.407,92
2.1.2	Encargos Sociais	38.276,41
2.1.3	Seguro de Vida	768,39
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	830,35
2.1.5	Ginástica Laboral	650,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	6.925,00
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	864,33
Total R\$		120.722,40

2.2 Serviços Prestados por Terceiros		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	1.995,63
2.2.2	Despesas com Correios	3.155,38
2.2.3	Energia Elétrica	2.669,51
2.2.4	Honorários Advocáticos	20.010,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.815,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	6.398,50
2.2.8	Honorários de Auditoria	1.450,48
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	4.446,09
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	3.607,32
2.2.11	Vigilância e Segurança	313,50
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	1.600,00
2.2.13	Serviços de Informática	1.598,31
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	8.300,00
2.2.15	Água e Esgoto	877,39
Total R\$		60.637,11

2.3 Despesas Gerais		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	2.981,38
2.3.2	Despesas com Táxi	775,52
2.3.3	Despesas com Coral	4.386,88
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	790,84
2.3.5	Diárias de Viagens	8.199,10
2.3.6	Tarifas Bancárias	448,08
2.3.7	Lanches e Refeições	373,01
2.3.8	Quintart	7.542,37
2.3.9	Patrocínios e Doações	8.252,91
2.3.10	Manutenção de Veículos	309,00
2.3.11	Festa do Professor	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	526,37
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.728,29
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campeste	8.514,28
2.3.16	Hospedagens Hotéis	1.398,70
2.3.17	Material de expediente	985,79
2.3.18	Outras despesas diversas	3.487,99
2.3.19	Manutenção e Conservação	3.501,83
2.3.20	Homenagens e Condecorações	200,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	5.096,92
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	2.237,05
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	44,52
2.3.24	Sabadart/Festa do Professor Jataí	0,00
2.3.25	Evento "Mais Sindicato" - Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Manifestações	4.650,00
2.3.27	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	5.575,37
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	280,00
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	1.200,01
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	0,00
Total R\$		73.486,21

2.4 Despesas Tributárias		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.489,96
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	662,32
Total R\$		3.152,28

2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	27.299,28
Total R\$		27.299,28

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais		285.297,28
3 Resultado do exercício 08.2018 (1-2)		116.848,07

4 Atividades de Investimentos		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	108.179,33
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	1.500,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	0,00
Total R\$		109.679,33

4.2 Intangível		
4.2.1	Programas de Computador	3.519,06
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
Total R\$		3.519,06

4.3 Aplicações Financeiras		
4.3.1	Aplicação CDB	0,00
Total R\$		0,00

Total Geral dos Investimentos R\$		113.198,39
5 Resultado Geral do exercício 08.2018 (3-4)		3.649,68

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.



INFORME JURÍDICO

Novas Ações Coletivas Propostas

No mês de setembro, o ADUFG Sindicato, através de seu departamento jurídico, ingressou com duas novas Ações Coletivas para a defesa dos interesses individuais homogêneos de todas as professoras e professores da Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal de Jataí - UFJ - e Universidade Federal de Catalão - UFCat. A primeira ação judicial visa o pagamento do adicional noturno aos professores e professoras que laboram após as 22 horas em regime de dedicação exclusiva e o pagamento do vale-transporte a todos os professores e professoras que possuem custos no deslocamento até o local de trabalho.

As Universidades Federais do Estado de Goiás sonham o adicional noturno aos professores e professoras em regime de dedicação exclusiva sob argumento que estes não merecem receber pois laboram em regime de Dedicção Exclusiva, eis que já receberiam um adicional pela sua exclusividade. As Universidades, contudo, suprimem o direito constitucional dos trabalhadores e trabalhadoras à remuneração diferenciada pelo labor noturno, que em nada se confunde a remuneração diferenciada pela exclusividade.

No tocante ao vale-transporte, as Universidades não pagam as professoras e professores sob o argumento que somente aquelas e aqueles que se deslocam ao local de serviço através de transporte coletivo público merecem o referido pagamento. As Universidades, contudo, desnaturam o próprio escopo do vale-transporte, que possui a natureza de indenizar e recompor os gastos das servidoras e servidores em seus deslocamentos ao local de trabalho, merecendo a verba, portanto, todas e todos aqueles que possuem quaisquer gastos no deslocamento ao labor, independente se a locomoção se dá através de serviço de transporte público coletivo, transporte público individual ou automóvel particular.



40 ANOS



19ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Diretor Presidente

Walmirton Tadeu D' Alessandro
Diretor Vice-Presidente
e de Comunicação

Veridiana Maria Brianezi D. de Moura
Diretora-Secretária

Daniel Christino
Diretor de Promoções Sociais,
Culturais e Científicas

João Batista de Deus
Diretor Administrativo

Geovana Reis
Diretora de Assuntos Educacionais,
de Carreira e do Magistério Superior

Thyago Carvalho Marques
Diretor Financeiro

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora de Convênios e de
Assuntos Jurídicos

Abraão Garcia Gomes
Diretor de Assuntos de
Aposentadoria e Pensão

Luis Antônio Serrão Contim
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VI - Nº 51

Outubro de 2018

Professor Juarez Ferraz de Maia
Idealizador do projeto

Cleomar Nogueira
Projeto gráfico original

Kalyne Menezes (JP 2636 GO)
Editora responsável

José Abrão (JP 3331 GO)
Edição e reportagem

Bárbara Zaiden (JP 3228 GO)
Luciana Porto (JP 3175 GO)

Reportagem

Amanda Sales
Bruno Destéfano
Charles Adryel
Guilherme Fernandes
Estagiários

Diagramação: Bruno Cabral**Data de fechamento:** 18/10/2018**Tiragem:** 3.000 exemplares**Impressão:** Stylo Gráfica

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

Acompanhe nossas redes sociais:
@adufgsindicato

www.adufg.org.br



**Daniel
Christino***

“Estou profundamente convencido de que não devemos ocultar as nossas crises. Não devemos escapar nem esquivarmo-nos delas. E também não devemos deixar que elas nos assustem. Só depois de termos passados por elas poderemos ser ‘remodelados’ num estado de maior maturidade e sabedoria”

Tomáš Halík

A tempestade no horizonte

O pensamento hermenêutico tem o hábito de voltar aos textos ou ideias originais quando enfrenta alguma crise ou dificuldade de interpretação. O que ele busca, segundo Schleiermacher, é o vigor originário das palavras, sua força heurística e elocutória. Os primeiros hermeneutas, decifreadores de augúrios e sonhos, eram necessários quando a ignorância dos desígnios sobrenaturais poderia ser considerada prejudicial, talvez mesmo catastrófica. A angústia terrível de Nabucodonosor, provocada por pesadelos recorrentes, só encontrava alguma explicação nas interpretações de Beltshasar, cujo trabalho era realizado sempre com um olho no texto sagrado e outro na cova dos leões.

Em hermenêutica a literalidade dos textos não é tão relevante quanto a hypónoia – o subentendido que precisa ser revelado. Quanto mais tempo se acumula entre a origem de um texto e o nosso esforço interpretativo, mais há para escavar e revelar. O *modus sciendi* hermenêutico evoluiu de arte divinatória para método interpretativo ao longo do tempo, mas seu conhecimento jamais vai esgotar completamente as possibilidades de sentido do seu objeto. Daí a necessidade de sempre voltar ao texto, ou à palavra, ou à lei. É um jogo constante entre todo e parte, palavra e sentença, parágrafo e capítulo.

As crises democráticas tendem a se apresentar também como crises de sentido. Posições se radicalizam. O sentimento geral entre as pessoas é o de não entenderem muito bem “o que está acontecendo”. A tensão se eleva, procuram-se culpados, trocam-se acusações e casos de violência aparentemente gratuitas – contras minorias e grupos marginalizados – são relatados como frequência cada vez maior. Mas quando as pessoas procuram por conceitos e categorias que expliquem este estado de coisas a linguagem parece faltar. Nada do que se diz consegue realmente explicar o que está acontecendo e tem-se a impressão de que não temos equipamento intelectual apropriado para compreender – abarcar a totalidade – nosso mundo circundante. A tempestade no horizonte nos alcançará no aberto, sem proteção alguma.

É o caso de procurar abrigo no sentido originário da democracia. E como nossas ferramentas conceituais estão um tanto abaladas, talvez seja prudente tentar resgatar, como bons hermeneutas, dentre os valores que fundamentam nossa sociabilidade, o vigor e a força da ideia de liberdade.

Nunca é demais repetir que quando se considera a liberdade em seu sentido clássico, estamos falando de indivíduos. Este é caso, por exemplo, de John Stuart Mill. Ele elenca três marcos para defini-la: liberdade de consciência (de pensamento, sentimento e opinião); liberdade de ação (de gostos, objetivos e de fazer planos para se alcançar tais objetivos); liberdade de associação (de união para buscar objetivos comuns). A definição é positiva, no sentido dado por Isaiah Berlin, ou seja, a liberdade democrática, para Mill,

é liberdade para agir de acordo com a consciência.

A partir da definição de Mill, Berlin desenvolveu o conceito de liberdade negativa. Neste caso a liberdade não se define pela vontade do agente, mas pela noção de que, se há algum impedimento à minha ação por parte de outros indivíduos, aí me falta liberdade. A definição é negativa exatamente por não dar um sentido específico ou positivo para o conceito. Assim, liberdade é não ser coagido a agir ou pensar por qualquer grupo político ou, no limite, pelo Estado.

Estas duas formas de definir liberdade têm em comum o fato de que não há liberdade se não houver autonomia da vida do espírito – aqui no sentido que Hannah Arendt dá à expressão, ou seja, pensar, querer e julgar. Este é o aspecto que eu gostaria de ressaltar, especialmente dentro da academia. O que me parece estar subentendido nesta eleição, e, portanto, intima uma exegese, é a necessidade de reorientar nossa ação pelo sentido de liberdade contido nos textos clássicos liberais. Há, claro, várias outras interpretações e aprofundamentos da questão, mas debate-las de modo franco é já um caminho para fora do atual impasse.

Liberdade como uma forma de autonomia do espírito é um dos valores fundamentais da própria vida intelectual (o outro é a verdade). A autonomia universitária, para além da necessidade de gestão material das unidades e dos laboratórios, das importantes preocupações com a burocracia organizacional e do essencial financiamento da pesquisa e da extensão; tem seu sentido maior no estabelecimento das garantias de liberdade do espírito para decidir sobre o que pensar e como agir. Parte do adoecimento dos professores, que vem aumentando nos últimos anos deve-se, e não em menor parte, à erosão deste valor fundamental no cotidiano da atividade docente. Precisamos começar a pensar a sociedade a partir da experiência profunda da vida academia e não pensar a academia a partir de um projeto regressivo ou progressivo de sociedade. Esta é nossa obrigação mais urgente e é a raiz do nosso valor como instituição.

Se há alguma coisa que a catástrofe (no sentido dramático aristotélico do termo) que se aproxima tem a capacidade de provocar é a necessidade de uma hermenêutica da liberdade como chave de interpretação da vida acadêmica. Mesmo porque dentre os muitos modos pelos quais podemos entender as ameaças políticas e institucionais que se perfilam no horizonte, a diluição e consequente perda de sentido ou mesmo da apropriação falsa da ideia de liberdade, por pautas políticas de todos os tipos regressivos, prepara o caminho para que a ascensão do autoritarismo seja normalizada e, dentro dela, o fim da vida acadêmica. Se há uma luta que faz sentido para nós no futuro, creio que esta seja uma das suas principais batalhas.

**Professor Adjunto IV da Faculdade de Informação Comunicação (FIC). Membro permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais. Mestre em Filosofia pela UFG e doutor em Ciências da Comunicação pela UnB. É também Coordenador do Game Lab no Media Lab/UFG. E-mail: dchristino@ufg.br*



Everton S.
T. Rosa*

Perspectivas Econômicas Pós-Eleições: Insegurança Econômica como Regra de um Estado Desconstruído por Governos Subordinados aos Interesses Financeiros

A Economia é um estudo do homem. Um estudo que vai da escassez à abundância material; que trata de sociedades com indivíduos que perseguem objetivos que nem sempre são alinhados, complementares, harmônicos, sendo muitas vezes opostos e predatórios. Por ser um estudo do homem, a economia trata de relações de poder que são inseparáveis das relações econômicas de produção, distribuição e acumulação. Por isso os economistas têm medo. Sabendo disso, é importante afastar da análise econômica a farsa das soluções “técnicas” e “neutras”.

Estado Constitucional x Governos Eleitos

O Estado de Bem-Estar Social, instituído em 1988, tem sido desmontado por Governos abertamente pró-mercado [financeiro] e/ou por Governos “com olhar social”, mas subordinados aos mesmos interesses financeiros. No Brasil, o ativismo estatal para a promoção do desenvolvimento e da industrialização entre 1930 e 1980 foi substituído pelo ativismo do Banco Central em promover o enriquecimento privado via dívida pública sob a máscara do combate à inflação.

O elemento estrutural mais importante da nossa história recente é a tentativa de subordinação do Estado Constitucional aos Governos (e não o contrário) e de subordinação dos Governos Eleitos ao mercado financeiro. Isso vai deste o compromisso com Superávit Primário, manutenção da Desvinculação de Receitas da União (DRU), isenção de tributação sobre a renda, pelo combate à inflação mais caro do mundo – operações compromissadas de 1,1 trilhão de reais e remuneração de depósitos voluntários dos bancos –, por metas de inflação sem metas de emprego, passando pela defesa de um “colchão de liquidez”, por parte do Tesouro, que é feito tanto em épocas de “vacas gordas”, quanto de “vacas magras”.

A relação Banco Central-Tesouro é sistematicamente pró-endividamento público (enriquecimento privado), pois se favorece o uso de títulos e juros em lugar de tributos. Essa arquitetura se sustenta com a realização de superávits primários, o que não ocorre desde 2014 e exigiu uma reforma do Estado para voltar a obtê-los mesmo sem crescimento econômico. Ou seja, para respeitar os contratos financeiros, fruto de uma emissão desnecessária de títulos públicos, os governos têm descumprido o contrato social. As despesas primárias e os investimentos públicos definidos nas Leis Orçamentárias Anuais são executados bem abaixo das dimensões estabelecidas, mas o Estado continua se endividando. Soma-se a este processo a Emenda Constitucional 95 de 2016 que estabeleceu um teto sobre cerca de 50% das despesas, ou seja, sobre as despesas primárias do Orçamento Geral da União. Os 50% restantes são despesas financeiras que não tem limite e controle. Este é o ápice de um processo de desconstrução do Estado de Bem-Estar Social e da capacidade de estabilização da economia pelo Estado.

Produto, Renda e Emprego x Rentismo

A situação estrutural é agravada pela situação conjuntural de enfraquecimento do nível de gastos e de atividade da economia brasileira.

INVESTIMENTO – Temos queda do investimento privado desde 2013, provocado pela perda de perspectiva e confiança de lucratividade em um cenário de elevação do custo de oportunidade (juros), perda de faturamento, desemprego e estagnação da renda e da demanda. Temos o corte drástico, consciente e inconsequente de

investimento público, sabotando o crescimento da economia desde dezembro de 2014. Ainda que mais baixas, as taxas de juros não promovem o investimento privado neste contexto.

CONSUMO – O consumo das famílias está sendo prejudicado pelas seguintes razões: (i) inação no combate ao desemprego, (ii) manutenção das dificuldades de manter os canais de crédito acessíveis, (iii) mudanças das condições de trabalho e de renda por reformas equivocadas. A reforma trabalhista e a terceirização, assim como a futura reforma da previdência, minam a segurança econômica, afetam a estabilidade do emprego e da renda, enfraquecendo a capacidade de consumo, a sua sustentabilidade e a capacidade de pagamentos das dívidas. Além disso, prejudicam a capacidade de arrecadação tributária do Estado, agravando os problemas fiscais. O consumo do governo está congelado em termos absolutos, mas está sendo cortado em termos per capita. O “bolo” das despesas primárias está congelado, mas há áreas ficando com fatias maiores, como Defesa Nacional e Poder Judiciário, em detrimento de outras.

EXPORTAÇÕES LÍQUIDAS – Por brevidade, a conjuntura internacional tem sido relativamente favorável, sobretudo pela manutenção do Real desvalorizado (promove exportações, inibe importações). Contudo, a subida das taxas de juros dos EUA irá impor dificuldades crescentes para a retomada do crescimento no Brasil, haja vista que a taxa de juros brasileira provavelmente será utilizada para equilibrar as condições externas (evitar saída de capitais como na Argentina), sacrificando as já fragilizadas condições domésticas de produção, investimento e emprego.

A resposta do governo eleito a estas questões estruturais e conjunturais contribuirá para o enfraquecimento (ou fortalecimento) da geração de produto, renda e emprego. São três as opções de resposta: (i) ruptura com o processo de captura do Estado pelo sistema financeiro e promoção de um projeto de desenvolvimento nacional, ou (ii) subordinação à essa estrutura financeira e promoção de mudanças progressistas pelas beiradas na medida do possível, ou (iii) continuidade e intensificação do processo e entrega do patrimônio público, dos recursos orçamentários e reversão de direitos sociais.

O líder das pesquisas eleitorais defende abertamente a opção (iii) e é a opção do governo vigente. O vice-líder representa a opção (ii) e seu partido adotou essa opção entre 2003 e 2014. O terceiro colocado denuncia todo o processo e tem proposto a opção (i).

Na ausência de discussão de projeto para o Brasil, como tem sido a tônica da polarização política superficial, vigora o projeto em curso: “Estado para Poucos”, sobretudo para os poucos financistas, que já consomem cerca de metade do Orçamento Público, ganham com a especulação e volatilidade, definem os preços dos títulos públicos, opõem-se à tributação progressiva e financeira, orientam a política econômica e ainda querem a Independência do Banco Central do Brasil.

Ou o eleito rompe com essa lógica financeira ou essa lógica romperá com o país.

**É Professor do Curso de Ciências Econômicas da FACE-UFG. Doutor em Teoria Econômica pela UNICAMP. Pesquisa na área de Economia Monetária, Instituições, História do Pensamento Econômico, Finanças Públicas, Política Fiscal e Monetária. Ministra disciplinas de Contabilidade Social, Macroeconomia, Economia Monetária, Sistema Monetário e Financeiro Internacional, Economia Institucional, Organização Industrial e História do Pensamento Econômico.*

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

Rosa

O Proifes-Federação e seus sindicatos federados aderiu à campanha do Outubro Rosa de combate ao câncer de mama. Em nota, a federação relembra que este é o tipo de câncer mais comum em mulheres por todo o mundo e destaca a importância de fazer exames periódicos.

Câncer

O movimento Outubro Rosa surgiu nos anos 1990, criado pela Fundação Susan G. Komen for the Cure, e depois se espalhou pelo mundo. De acordo com dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer de mama é o que mais acomete mulheres em todo o país. No Brasil, a cada 100 mil mulheres, cerca de 56 desenvolvem a condição.

CRES

Reitores de universidades públicas do Brasil e gestores do ensino superior da América Latina e Caribe participaram do Painel 'A Educação Superior no Pós-CRES 2018' na UFRGS. O objetivo do evento foi debater os desafios colocados pela III Conferência Regional da Educação Superior (CRES 2018), realizada em Córdoba, Argentina, em junho.

Defesa

A principal conclusão do painel foi reforçar que a declaração final da CRES 2018, um manifesto que aponta a Educação Superior como um bem público social, um direito humano e universal, e um dever dos Estados, seja refletido fielmente no plano de ação para a educação superior nos próximos dez anos, como proposta do continente para a Conferência Mundial de Educação que será realizada em Paris em 2019.

EC 95

O Adufg-Sindicato lançou campanha pela revogação da Emenda Constitucional 95. Cartazes, faixas e panfletos foram distribuídos na UFG pelos Campi de Goiânia, Cidade de Goiás, UFJ e UFCAT.

Cortes

O foco principal da mobilização é contra o corte de gastos na educação pública gratuita e de qualidade, na ciência e na tecnologia. A mobilização contra a EC 95 faz parte da agenda do Proifes-Federação e consta na Carta aos Presidenciáveis. O documento entregue aos candidatos à presidência do Brasil exige a revogação da EC, dentre outras demandas da categoria relativas ao ensino superior no Brasil.

PÓS-GRADUAÇÃO

Foi aprovada a criação de quatro mestrados e três novos doutorados na UFG. Os novos cursos de mestrado são em Química (Jataí), em Artes da Cena (Emac/UFG), em Educação Física (FEFD/UFG) e Profissional em Engenharia de Produção (FCT/UFG). Já os novos doutorados são em Comunicação (FIC/UFG), Computação (INF/UFG) e em Geotecnia, Estrutura e Construção Civil (EECA/UFG).

José Abrão



Não é só o Campus 2 que têm suas belezas naturais. Este detalhe dessa árvore florida foi capturado na Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT), em Aparecida de Goiânia. Por lá, a UFG divide espaço com a UEG, em frente ao Hospital de Urgências de Aparecida de Goiânia (Huapa).

O campus é casa de alguns dos cursos mais recentes da universidade, como o de Engenharia de Transportes. A árvore florida resistia ao calor de 35° C encarando um céu primaveril sem nuvens.

Bárbara Zaiden



Esse registro foi feito na Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ), no Campus Samambaia da UFG, em uma manhã sem sol e com muitas nuvens. Neste dia preguiçoso fizemos essa imagem de alguns cavalos do rebanho da universidade pastando tranquilamente, próximos aos currais da própria unidade.

Prêmio

A professora Thaís Lobosque Aquino, da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), é uma das vencedoras da 8ª Edição do Prêmio Prof. Rubens Murillo Marques, oferecido pela Fundação Carlos Chagas (FCC). A professora desenvolveu o projeto Música, estágio e pesquisa: ações formativas com o tema Mulheres na Música.

Ranking

A UFG ficou em 20º lugar no Ranking Universitário Folha (RUF) realizado pelo jornal Folha de São Paulo e que avaliou instituições nas áreas de ensino, pesquisa, mercado, inovação e internacionalização. A nota geral da UFG foi 83,6 de 100.

Top 5

Pela avaliação, a USP ficou em primeiro lugar (nota 97,52) seguida pela UFRJ (97,29) e pela UFMG (96,38). Em quarto lugar ficou a Unicamp (96,37) e em quinto a UFRGS (95,58).

Prêmio

A CAPES outorgou ao professor Rubem Ramos a Menção Honrosa do Prêmio CAPES de Tese 2018 na área de Comunicação e Informação, pela tese "Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics", defendida no ano 2017, sob a orientação de Lígia Maria Moreira Dumont, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

Homenagem

O professor do ICB, José Alexandre Felizola Diniz Filho, foi agraciado com a Medalha Nacional do Mérito Científico – Classe Comendador, conferido pela Ordem do Mérito Científico. Felizola é professor da UFG desde 1994, publicou mais de 380 artigos e orientou mais de 128 alunos.

A pró-reitora
adjunta, professora
Helena Carasek,
falou sobre o evento



UFG realiza I Mostra de Inovação durante 15ª CONPEEX

Primeira edição da atividade desenvolvida pela PRPI contou com estandes para exibição de projetos, apresentação de pesquisas/laboratórios, e empreendedorismo

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) promoveu, entre os dias 15 e 17 de outubro, a I Mostra UFG de Inovação. Com o objetivo de divulgar projetos em execução na Agência UFG de Inovação, a atividade integrou a programação do 15º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONPEEX), e foi realizada em um galpão climatizado ao lado do Centro de Cultura e Eventos Prof. Ricardo Freua Bufáical. Durante o evento, a PRPI expôs em diversos estandes, projetos, além de apresentações de resultados de pesquisas e de alguns laboratórios por meio de pôsteres eletrônicos e equipamentos, além do envolvimento de agentes de fomento, de empreendedorismo, como Fapag, Funtec, Funape, RGI e SEBRAE-GO.

A Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa e Inovação e Diretora de Transferência e Inovação Tecnológica da UFG, Helena Carasek, explica que a realização dessa primeira mostra representa a maturidade da universidade no que tange o campo de pesquisas e inovação tecnológica.

De acordo com ela, o nível das pesquisas desenvolvidas atualmente é muito alto e de reconhecimento internacional, porém este trabalho ainda é pouco divulgado. “Muitas das nossas ações não são conhecidas

pelo nosso próprio público interno e esse vai ser o nosso maior desafio com a realização da mostra. Queremos atingir os nossos estudantes, professores e, sobretudo, o mercado”, pontua.

Capilaridade

Os projetos presentes na I Mostra UFG de Inovação abrangem diversas áreas do conhecimento, como Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig), Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais (LabTime), aplicativos para celular e veículos autônomos (INF), Nanotecnologia para Saúde (Farmatec, Química e Física), microdispositivos para sensores (Laboratório de Microfluídica e Eletroforese), cultivares de cana-de-açúcar e arroz (Agronomia e Ridesa), Mídias Interativas (MediaLab), Inovação Tecnológica em Construção Civil (Labitecc e Engenharia Elétrica, e Engenharia Mecânica), entre diversos outros projetos inovadores. Outro ponto diferencial da mostra é o envolvimento das empresas juniores da UFG, das empresas do Centro de Empreendedorismo e Incubação (CEI), do Centro Regional para o Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CRTI), do Laboratório

Multiusuário de Microscopia de Alta Resolução (LabMic) e do Centro de Pesquisa em Alimentos (CPA).

Para a diretora e pró-reitora, o mais interessante do evento é a interação entre as áreas, que apesar de serem distintas, se comunicam. Ela explica que as atividades não consistem em apenas discussões teóricas, mas a proposta é levar os equipamentos para dentro do estande e mostrar na prática como funcionam. “A nossa estrutura está bem imponente”, disse. A área de exposição foi de 500 metros quadrados, cerca de 20 estandes, e o ambiente foi todo climatizado. “É a coroação de um trabalho que vem sendo realizado com muita dedicação há anos, porque muito se falava em inovação tecnológica, e chegou o momento de mostrá-la”, conclui Helena.

Incentivo

A Agência UFG de Inovação está vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação responsável por ações de promoção do empreendedorismo, da inovação e pela proteção e transferência de tecnologias produzidas pela Universidade Federal de Goiás (UFG). A unidade foi criada no ano de 2004, como Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), e no início de 2017 foi reformulada e re-

nomeada.

Inicialmente a responsabilidade pela inovação tecnológica da UFG foi da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), posteriormente foi feita a desmembramento e criada a PRPI. A Diretoria de Transferência e Inovação Tecnológica (DTIT) dessa pró-reitoria. Nos dias atuais, a unidade possui três eixos de atuação: transferência tecnológica e propriedade intelectual, incubadora de empresas e parque tecnológico.

O diretor do Parque Tecnológico Samambaia, professor João Teodoro Padua, explica que antes da regulamentação da Lei 10973/2004, não existia no Brasil estímulo à interação universidades/empresas com vistas ao desenvolvimento tecnológico e inovação. Depois disso, as instituições que aspirassem atuar neste campo deveriam instituir um Núcleo de Inovação Tecnológica. “Mas, foi a partir de 2007 que o governo passou a estimular as universidades a implementar uma política de transferência tecnológica e propriedade intelectual em resposta a um programa de estímulo à inovação tecnológica no país. Isso porque o Brasil estava em uma produção científica muito elevada, só que em termos de patente ocupávamos posições mais baixas no ranking”, esclarece o diretor.

VI edição do Sarau dos Aposentados alegra a sede do Adufg-Sindicato

Encontro foi realizado no dia 18/9 com diversas manifestações artísticas e musicais

Fotos: Bruno Destéfano e Guilherme Fernandes



Coletivo Flamenco



Norma Simão



A professora Maria Auxiliadora, mais conhecida como Cizinha



Walda Almeida (azul) e Maria Lucy Teixeira (Fifia)



Coral Adufg-Sindicato



João Almeida e Ângela Alessandri

A sexta edição do Sarau dos Professores Aposentados do Adufg-Sindicato, organizado pelo Grupo Travessia, aconteceu no dia 18/9. O evento foi realizado no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde e contou com apresentações realizadas por professoras e professores aposentados que apresentaram arte nas suas diversas facetas como poesia, contação de história, dança e música. A abertura foi realizada pelo Coral Vozes do Adufg. A professora Maria Auxiliadora de Echegaray, mais conhecida como Cizinha e organizadora do evento, comentou que a sintonia com as artes “abre portas, acende luzes, promove a liberdade e resgata a cidadania enquanto professores aposentados da Universidade Federal de Goiás”.

“No meu entender, a vida é arte. Fazer e contemplar a arte é uma forma divina de estar no mundo. A sacralidade se revela por meio de múltiplas linguagens e manifestações libertadoras, o que faz com que o ‘ser’ na arte transponha a superficialidade dos dias de maneira a brincar com a dor da finitude”, refletiu Cizinha enquanto proferiu as falas iniciais que dão abertura às apresentações.

Ela reforçou o objetivo principal do sarau e os detalhes da decoração: “É o de transportar cada um dos presentes a ‘nós’. É o de gerar pertencimento. Pensando nisso, a decoração foi uma homenagem aos Ipês, árvores magníficas que enfeitam o chão goiano”.

O professor Daniel Christino, diretor de Promoções Sociais, Cul-

turais e Científicas do Adufg-Sindicato, afirmou que o evento faz com que os docentes se lembrem do que realmente importa. “Esta ocasião resgata um pouco da nossa sociabilidade mais doce. Mais artística. Mais pura. Então o sarau tem que servir para nós tanto quanto a preocupação com as questões políticas inerentes ao nosso país. O sarau tem que servir para a gente se lembrar de que a vida sem a beleza, sem a amizade, sem a arte, não vale a pena”, ponderou.

A abertura foi seguida pelas docentes Maria Lucy Teixeira (Fifia) e Walda de Almeida com um recital de piano e canto. Depois, a professora Edvânia Braz contou a história “Lenda do Ipê”. A apresentação em forma de jogral, realizada pelas docentes Nancy, Sonia, Dulce,

Vanda, Neusa e Olinda, prestou homenagem à professora de Letras e escritora Heloísa Helena Campos. Cizinha entoou poema sobre a dança que posteriormente foi performada pelo coletivo Flamenco e o professor Jaci Fernandes, junto à Drica Lopes, apresentou dança de salão caribenha. Além disso, o filho de Jaci, Luís Cláudio, interpretou a música Que nem jiló e ambos apresentaram Berimbau com Marzinho.

E não parou por aí: a professora Isabel Neves recitou poema autoral e, logo após, Norma Simão exibiu vídeo sobre Cora Coralina e entoou versos em homenagem à Goiânia. Por fim, a professora Ângela Alessandri, Marzinho e João Almeida distribuíram sentimentalidades nostálgicas por meio de interpretações musicais.

Lamovh: se movimentando

Grupo de estudos da FEFD criado em 2011 cresce com projetos

Criado em 2011, o Laboratório de Avaliação do Movimento Humano (Lamovh), da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) agrega hoje quatro pesquisadores além de um grupo de 18 pós-graduandos. Os professores Carlos Vieira, Paulo Gentil, Mário Hebling e Cláudio Lira estabelecem o norte de quatro áreas de pesquisa interligadas por uma questão em comum: exercícios e o movimento corporal. O laboratório começou com Mário e Cláudio e depois foi crescendo. “A ideia inicial já era ter uma perspectiva interdisciplinar no laboratório, estudando diversas coisas que estivessem relacionadas com exercício físico”, explica Mário, “começamos assim, timidamente, o professor Carlos estava na época fazendo o doutorado dele, já entramos em contato e com o retorno dele e a chegada do Paulo, conseguimos mesmo dar essa cara mais interdisciplinar ao laboratório com várias publicações. Hoje estamos próximo de chegar onde a gente queria: olhar para o exercício sob diversas perspectivas”.

Tais perspectivas são de fato variadas. Carlos tem desenvolvido sua pesquisa na área do câncer; Paulo trabalha com treinamentos de força e doenças cardiovasculares; Mário desenvolve estudos na biomecânica relacionados à coluna e à postura e Cláudio estuda as possibilidades dos exergames, video games que envolvem exercício físico. Além das pesquisas, o grupo promove uma reunião aberta toda terça-feira. “É uma forma de ir qualificando essas pessoas que muitas vezes criam um interesse e aí criamos subgrupos e vamos direcionando”, comenta Carlos, “esse grupo nosso começou com nossos orientandos de mestrado e doutorado, mas hoje ele já tem uma participação maior de pessoas de diferentes áreas interessadas nas discussões sobre exercício”.

Atualmente o grupo tem atuado com vários projetos, alguns deles ligados ao Hospital das Clínicas e outros com atendimentos e pesquisas conduzidas na própria faculdade, na sala do Lamovh. “Temos uma sala de atendimen-

to no HC, já existe uma grade e os pacientes são encaminhados para fazer os exercícios. Isso aí tá conectado com o estágio da FEFD e conectado com os projetos de extensão do HC”, conta Paulo, “o Carlos está ligado com o de mastologia, eu estou ligado com o de diabetes, então o grupo está conectado de várias formas”.

“Temos atividades de extensão, pesquisa, curso de especialização, parcerias internacionais e estágio. Tudo isso são braços do grupo”, completa Carlos. Essas parcerias incluem outras instituições nacionais, como USP, UFRGS e UnB, e também contatos internacionais, como a Universidade de Parma na Itália e a Universidade de Southampton, na Inglaterra. O resultado deste esforço é quantificável: nos últimos três anos, o Lamovh publicou 171 artigos científicos.

“A gente tira leite de pedra aqui. Temos um índice de publicação equivalente à USP”, comenta Paulo, “só que a gente não tem laboratório próprio, sala individual, a gente disputa no suor”. O esforço do grupo agora é fazer a adequação do seu espaço e conseguir mais equipamentos para produzir com maior qualidade e precisão. “O que nós não temos é equipamento. A gente não produziria mais porque já estamos no limite da nossa capacidade, mas a gente produziria maior e melhor”, disse Paulo, “o que vai para uma revista de impacto X se a gente tivesse um equipamento mais moderno iria para uma revista 3X”.

Eles conseguem muitos destes recursos e equipamentos através de empréstimos com instituições parceiras e também através de doações vindas da iniciativa privada. E são recursos muito caros. “Estamos tentando comprar agora uma bicicleta que custa entre 30 e 40 mil reais mas esse trâmite público é muito difícil porque a empresa precisa atender a uma série de critérios para poder vender para o setor público”, exemplifica Carlos. Mário, que tem especificidades diferentes, precisa manter seu computador atualizado: “como eu trabalho com processamento

de imagens, tanto software quanto computador de alta performance ajudariam bastante a fazer mais análises, diminuir o tempo das análises, coletar mais dados em menos tempo”.

Fora isso, este tipo de problema gera alguns empecilhos para os projetos em andamento. “A gente está com um estudo parado porque o analisador de gases não funciona e a gente precisa dele para medir quanto de oxigênio se consome, etc”, conta Paulo. Além disso, eles têm investido em parcerias dentro da própria UFG. “A gente tem uma parceria muito próxima com a Faculdade de Nutrição (Fanut), temos uma boa relação com a Medicina e com o ICB, que contribuem nos estudos”, conta Carlos. Como também surgem pessoas interessadas como profissionais da área da saúde e estudantes, tanto daqui quanto de fora.

“A gente já tem capacidade de fazer várias análises elaboradas que dificilmente vão se encontrar no mercado, como análises biomecânicas de corrida”, explica Mário, “os preparadores físicos do Vila Nova já entraram em contato com a gente em algumas oportunidades e já fizeram inclusive algumas avaliações de desempenho aqui com a gente, mas não temos como atender muitas demandas porque precisamos fazer por conta própria. Uma coisa que nos limita muito é a falta de um técnico de laboratório”. Com o técnico no laboratório o grupo poderia abrir seu leque de atendimentos. “Médicos, fisioterapeutas, já me procuraram muitas vezes querendo avaliar o que faziam dentro de suas clínicas. Eu adoro, meu sonho é fazer isso com todos, mas não tenho como”, disse Mário.

Com tantos projetos em andamento, o Lamovh segue com um objetivo: “A ideia é que a gente vire referência na área de exercícios para populações especiais”, explica Carlos, “a ideia é que a gente consiga ao longo dos anos consolidar um espaço de treinamento com alguém para te atender, que saiba das particularidades do treinamento”.



ando a favor da ciência

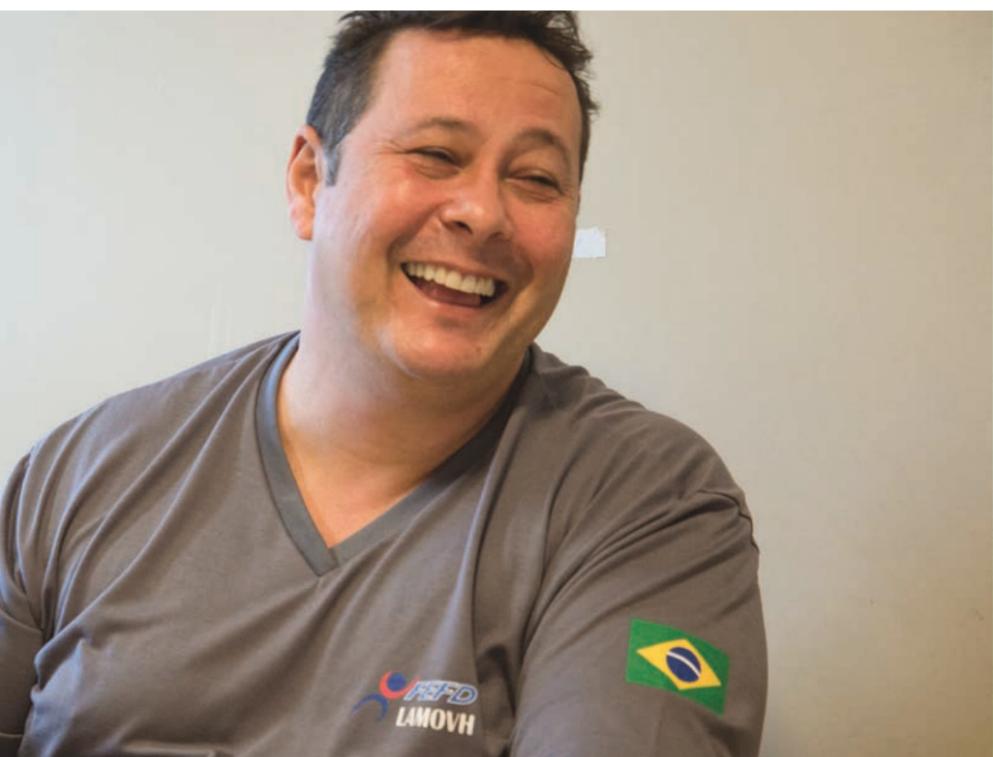
que exploram os campos do movimento e do bem-estar

Charles Adryel



FORÇA

Paulo – Estamos verificando se fazer bicicleta te dá o mesmo ganho de força que musculação e, ao mesmo tempo, se fazer musculação te dá a mesma capacidade aeróbica da ergometria. A agência espacial europeia entrou em contato sobre isso. Seria muito interessante se configurasse verdade porque com uma bicicleta você poderia substituir uma sala de musculação. Concluímos a primeira fase. O resultado parcial é que você consegue ter esse mesmo ganho de força na bicicleta que na musculação, mas a musculação não te dá o mesmo benefício cardiorrespiratório que a bicicleta. O segredo é a forma como se faz isso, não é só fazer bicicleta de qualquer forma.



CÂNCER

Carlos – Na área do câncer são vários estudos de grande relevância social. Cada um tem suas particularidades, como exercícios feitos durante o tratamento quimioterápico, após a quimioterapia, entre outros. Em todos eles as pessoas relataram melhora significativa na qualidade de vida. Nesse momento estamos trabalhando só com câncer de mama, foi o recorte que a gente fez porque temos algumas limitações. Se você for atender outro tipo de câncer, como próstata, por exemplo, é uma dinâmica totalmente diferente. São exercícios da musculação e a gente mede os efeitos dele na ansiedade, na fadiga, na melhora da força. Elas se sentem melhor, mais dispostas, descansadas e temos publicados em cima disso.



POSTURA

Mário – A nossa principal frente é ver como cada modalidade esportiva, incluindo dança, o balé, e o exercício físico em geral influenciam na postura da coluna, ioga, temos avaliado práticas holísticas. Algumas vão aprimorar a postura e outras às vezes não, podem até fazer mal. Como a gente quer desenvolver um método para avaliar as pessoas corriqueiramente e em larga escala, podendo usar esse método em academias e escolas e até mesmo dentro de hospital, não podemos usar o raio x. Colocamos marcadores na coluna no dorso da pessoa, adesivos que brilham, desenvolvemos um método próprio, único no mundo, que partes anatômicas vamos marcar, e filmamos. A partir dessas filmagens por triangulação, conseguimos obter as coordenadas tridimensionais de cada um desses pontos no espaço e ao longo de um exercício: um movimento do balé, uma corrida. É um mocap que eu desenvolvi inicialmente no meu doutorado na Unicamp e que continuei aprimorando e que não tem perspectiva de chegar ao final e eu mesmo que faço a programação desse software e o atualizo constantemente.

A professora Celene destaca a necessidade de se pensar no todo



Foto: José Abrão

Uma metrópole de desafios

Conversamos com a professora Celene Barreira sobre planejamento urbano para a região metropolitana

Goiânia chega aos 85 anos bem distante do projeto original de Atílio Corrêa Lima. Uma metrópole regional, ela sofre com desafios cada vez maiores de toda cidade grande: abastecimento, transporte, violência. Para resolver problemas tão grandes é necessário, da mesma forma, pensar grande. “Acho que o principal é que não dá pra pensar somente em Goiânia, mas em toda região metropolitana”, explica a professora Celene Barreira, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA). Ela lidera o projeto do Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Goiânia (PDI-RMG), efetivamente iniciado em 2016 e que conta com 45 pesquisadores do instituto e de outras áreas da UFG, como Ciências Sociais, Arquitetura e Engenharia Ambiental.

Encomendado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Recursos Hídricos, Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos (SECIMA), o projeto já rendeu publicações, dissertações e teses além de documentos e relatórios. Essa é a materialidade do projeto que tem levantado indicadores, estudado e analisado diversos dados dos 20 municípios que compõem a região metropolitana.

Segundo o levantamento, a região enfrenta três grandes problemas que se desmembram em problemas relacionados: crise hídrica; crescimento urbano desordenado e espraiado; e degradação das condições de mobilidade urbana. Tais problemas são agravados por ques-

tões como desmatamento e avanço da urbanização sobre os mananciais de abastecimento, especulação imobiliária, sucateamento do transporte coletivo, bairrismo por parte de gestores municipais e mesmo governos e gestões ineficientes em suas ações e na falta de políticas públicas.

A professora conta que os problemas da capital têm suas origens lá no início dos anos 1970, quando a cidade começou a se espalhar de forma muito acelerada e sem respeitar seu planejamento original. Surgem muitos novos bairros que não se integram bem com os bairros já existentes. Através do Banco Nacional de Habitação, surgiram os conjuntos habitacionais. Em Goiânia o primeiro foi a Vila Redenção. “Então a cidade vai saindo do Setor Oeste, do Centro, que eram setores tradicionais, e começa a se espalhar. Aquela estrutura inicial de planejamento se perde. E começa todo um fluxo migratório bastante intenso, porque toda essa população tem que ser abrigada na cidade”, explica Celene. Nesse período surgem as “invasões” – que são as pessoas que vinham para Goiânia e não tinham onde morar e ocupavam as áreas desocupadas. Essas regiões só viriam a ser regularizadas a partir dos anos 1990.

Preservação

Sendo assim, o plano concluiu algumas ações que precisam ser tomadas para proteger o bem-estar do goianiense e de seus vizinhos. A primeira delas, ponto polêmico no plano-diretor, é a pre-

servação da região norte da capital, ainda com área rural e nativa não ocupada, e que abriga a maior parte da área verde e das reservas de água da cidade. Além do impacto ambiental, a ocupação desordenada também gera o que é chamado de vazios urbanos: bairros isolados da máquina urbana, sem infraestrutura básica (água, esgoto) e longe de tudo (comércio, postos de trabalho, escolas e hospitais). “Faz um loteamento isolado da cidade onde não tem nada e depois o poder público tem que correr para atender isso, e é muito oneroso”, explica Celene.

Então temos a água. O João Leite não é o suficiente para abastecer a região e os recursos subterrâneos são caros e limitados. “Existe uma outra alternativa que já está no plano da Saneago que é um manancial chamado Caldazinha que fica em Caldazinha e outra é o córrego Santa Maria que fica em Trindade. São as opções de reservas possíveis e precisam ser preservados porque não dá pra gente pensar no abastecimento de uma região como a nossa só com o que já está represado”, disse Celene.

Temos o transporte: “O transporte urbano ficou degradado e as pessoas fizeram opção pelo transporte individual, comprando seu carrinho, sua moto, o que impactou o transporte público, diminuiu o número de usuários”. Porém, isso encheu as ruas, e a falta de integração entre os sistemas somado à sua ineficiência faz com que a

jornada ao trabalho usando os ônibus possam levar horas. “O Eixo Anhanguera é bom, mas quando chega nos terminais, para os bairros, a coisa pega”, explica Celene. Ele é bom porque apresenta três qualidades: corredor preferencial, volume de veículos e frequência. A prioridade, explica a professora, é que o transporte coletivo como um todo se torne eficiente para que o usuário deixe o carro em casa ou no estacionamento.

Por fim, precisamos de polinuclearidades: criar outros núcleos urbanos, na região metropolitana, de forma que as pessoas não precisem vir trabalhar em Goiânia. “Aparecida já é um núcleo, lá já está recebendo trabalhadores, é o oposto do que acontece em Goianira e Trindade”, disse Celene. Aparecida tem atividade econômica forte e com isso diminuiu o fluxo de trabalhadores de Aparecida para Goiânia porque eles já encontram trabalho lá. Isso desafoga Goiânia em todos os sentidos.

Falando em Centro, ela adiciona a ressignificação do centro de Goiânia, esvaziado, cheio de prédios abandonados, em que não basta restaurar os prédios e preservar o patrimônio histórico. “Precisa ser requalificado para novos usos, coisa que aconteceu em outras cidades, como no velho porto de Buenos Aires”, declarou, “aqui isso é uma pena, a gente não valoriza o patrimônio que a gente tem. A Art Déco de Goiânia está toda escondida atrás dos toldos. Não é só restaurar e preservar, é dar novos usos”.

Emir Sader: “Toda ditadura diz que vai salvar a democracia”

Professor, sociólogo e cientista político conversou com o JP sobre a atual conjuntura da política nacional e criticou Jair Bolsonaro

No dia 17 de outubro, uma semana antes das eleições do segundo turno, em grande clima de polarização, o professor da USP Emir Sader, renomado sociólogo e cientista político, visitou a sede administrativa do Adufg-Sindicato antes de participar de um ato na Praça Universitária em que concedeu uma aula magna chamada simplesmente “Em Defesa da Democracia”, promovida pelo sindicato em parceria com outras 10 entidades incluindo movimento estudantil, outras centrais sindicais e mesmo partidos políticos. Nesta visita, o Jornal do Professor teve a oportunidade de realizar uma breve entrevista com o professor Sader sobre a complicada situação política do Brasil.

Jornal do Professor: começando pela principal questão, como é possível analisar a conjuntura política do Brasil?

Emir Sader: A gente sempre falou que estamos em um momento decisivo e agora é decisivo mesmo. Estamos a poucos dias do desenlace da mais profunda e prolongada crise da história do governo. Queríamos que tivesse um desenlace positivo, mas as coisas não estão encaminhadas nessa direção. Houve um período da campanha em que nós demos a pauta, e eles viraram isso, com uma combinação entre notícias falsas, robôs, rede evangélica, tomaram essa agenda e passaram a estar eles no centro do debate. Estão colocando os temas e nós é que estamos respondendo, correndo atrás. A iniciativa é deles, isso refletiu nas pesquisas. Isso faz parte desse tipo de campanha, dessa guerra híbrida, que é a nova estratégia da direita. Meio legal, meio ilegal, instrumentalizando o sistema judicial, mídia, o Congresso. Derrubaram a Dilma, prenderam o Lula. Essa situação, na verdade, acaba sendo a ausência do Lula. As pesquisas mostram que o Lula continuaria a ganhar do Bolsonaro facilmente. Houve um falseamento da realidade, através de um processo fajuto, que impede o povo de



O professor Emir Sader durante a sua fala na Praça Universitária



Cerca de 100 pessoas entre entidades, partidos e estudantes participaram

eleger quem ele evidentemente gostaria de ter como o seu presidente. É uma eleição de alguma maneira fraudada, a vontade popular não se expressa. Não foi uma decisão judicial com provas, como o próprio Moro diz, foi com ‘convicções’. Condenação não se fundamenta em convicções, que são subjetivas, se fundamenta em provas. É uma situação anômala em que a democracia está falseada a tal ponto que o candidato nem se dispõe ao debate e manipula o processo eleitoral através de notícias falsas. Então está se figurando uma solução autoritária, fraudada da vontade popular, e isso não vai resolver a crise. Além de tudo, vai dar continuidade a um modelo que fracassou, que é este do Temer, tanto que o responsável por este modelo, que é o Meirelles, teve 1% dos votos.

Imagina se em janeiro se reafirma esse modelo, que gerou recessão, desemprego. Será um governo tanto mais autoritário quanto com menos fôlego.

JP: Como a gente reverte a situação, qual é a saída?

Emir: Acho que o ponto mais fraco dele é o plano econômico que é só reajuste fiscal, portanto concentrador de renda, de exclusão, gerador de desemprego, esse é o ponto mais frágil. Para além das convicções da pessoa, isso afeta a vida das pessoas. Eles trataram de desmentir as declarações dele e dos auxiliares contra o 13º, sobre aumento de imposto, porque sabem que é frágil. A pessoa pode ter uma convicção religiosa, mas confrontada com essa situação, desmascara. Temos que jogar em cima disso

para recompor uma oposição em massa, desmistificar todo o palavreado fundamentalista.

JP: O antipetismo teria um papel central nisso?

Emir: No sentido mais genérico, não é só o PT, mas acaba sendo... a disputa foi entre anti-Bolsonaro e antipetismo. No resultado geral eles conseguiram angariar apoio no medo e no ran-cor antipetista o que não quer dizer tudo.

JP: Avaliando, estamos em uma situação frágil o bastante para termos uma ditadura?

Emir: Um regime autoritário? Plenamente, porque quem faz apologia da ditadura, diz que a ditadura torturou pouco e devia ter matado 30 mil, começando pelo FHC, diz que se for presidente o Ustra vai ser herói nacional. Que não tolera divergência, quer esmagar os adversários. São componentes autoritários fortíssimos. Ele disse que vai bombardear a Rocinha. Claro que não vai conseguir, mas dizer uma coisa dessas já dá ideia do potencial autoritário que ele tem. O golpe de 64 foi feito para ‘salvar a democracia’, porque vinha uma ‘rebelião comunista’, etc. Toda ditadura diz que vai salvar a democracia. Estiveram 21 anos salvando a democracia (risos).

JP: É possível ao mesmo tempo fazer uma oposição forte e reduzir a polarização?

Emir: É óbvio que a divisão entre direita e esquerda, e neoliberalismo e anti-neoliberalismo está em condição estrutural em nossa época. A direita muda, mas não deixa de vestir a roupa neoliberal. O cenário político é dividido quem está a favor e contra. Os tucanos admitiram ser a favor e foram para aquele lado, quem está contra está do outro. Os partidos que a personificam podem mudar: deixa de ser o PSDB e vira o partido do Bolsonaro, deixa de ser a direita e vira a extrema-direita. É uma posição frente à questão central da nossa época.

Adufg realiza 3ª edição do “Mais Saúde” com oficina de nutrição

Encontro foi realizado no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde e discutiu obesidade e diabetes com especialistas convidadas

No dia 24/9, o Espaço Cultural, de Lazer e Saúde do Adufg-Sindicato recebeu as atividades da terceira edição do Mais Saúde. A obesidade e o diabetes foram os principais temas discutidos na roda de conversa que inaugurou a ocasião, às 19h. As nutricionistas Karla Esperidião (Espaço Saúde), Hellen Christina e a psicóloga Vitória Nascimento dialogaram sobre a relação entre os dois temas, de maneira a trazer à tona novas abordagens para os participantes desta edição.

“A obesidade pode levar ao desenvolvimento do diabetes, e ambos são classificados como doenças crônicas”, introduziu a nutricionista Hellen Christina, “condições genéticas e condições ambientais ligadas ao estilo de vida estão relacionadas às causas do diabetes. Não é possível afirmar que de fato são as causas, mas elas podem levar ao contexto patológico”. Na sua fala, ela apresentou os diversos contextos em que estas doenças estão inseridas assim como os fatores que podem causá-las e suas consequências.

Com a mesma vertente, Karla Esperidião, nutricionista ligada ao Espaço Saúde, também explicou aos presentes que “estar obeso” envolve uma série de fatores que não implicam em apenas um tratamento específico. “É necessária uma equipe de profissionais para acompanhar o tratamento da pessoa”, disse, “a obesidade é uma doença multifatorial e, por isso, exige o aprofundamento da análise na ordem psicológica e médica, ligada ao condicionamento físico e também à nutrição”.

Após a fala das duas nutricionistas, a psicóloga Vitória Nascimento trouxe novas abordagens ao assunto de acordo com a psicanálise. Ela inseriu a discussão sobre a denúncia que o próprio corpo faz a questões mediadas pela história de vida do sujeito, bem como a análise da obesidade como um sintoma que indica sinais para além da necessidade biológica. “O corpo é ‘linguado’ porque nos entrega; denuncia. Ele fala muito mais do que aquilo que era para ser dito. A obesidade, para a psicanálise, é um sintoma. Ou seja, ele aponta para algo a mais. Para



Bruno Destéfano

Equipe Adufg e participantes da oficina gastronômica



As deliciosas cucas de banana integral



As profissionais Vitória Nascimento, Karla Esperidião e Hellen Christina

além da necessidade biológica”, explicou.

Ela continua: “sintoma é um acordo diante de um conflito entre desejo e a defesa, um componente da pulsão recalcado, enquanto outro, por meio de condensação e deslocamentos, ainda busca satisfação. A pulsão, por sua vez, é uma força constante que busca satisfação por meio de um objeto, que só pode satisfazê-la pessoalmente. É o representante psíquico, segundo Freud, que dos estímulos corporais. Ou seja, sintoma é uma formação de compromisso: a obesidade pode ser uma forma de buscar satisfação”.

Desta forma, a obesidade, então, está para além da relação sujeito e comida, diz de sua história de vida, sua organização subjetiva. “Excesso de gordura pode dar a impressão de um corpo cheio, sem bordas ou limites. Ao mesmo tempo porta o vazio que busca ser preenchido compulsivamente. Espera-se que o desejo seja acalmado. Espera-se sentir-se completo”, declarou Vitória.

O tratamento psicológico, orientado pela psicanálise, consiste no instrumento da escuta. “Ouvir esse sujeito por meio da análise além do objeto comida é o primeiro passo para o tratamento e a possível emergência de um sujeito que tem a sua própria vida, sua própria subjetividade e que é sim capaz de sair dessa posição de gozo para uma posição de ser desejante. “O tratamento consiste não em aparências ou na busca por um padrão estética inalcançável, mas sim na escuta na ética do desejo. O sujeito é acolhido para falar das questões que estão além de um corpo obeso, cheio, mas sim de corpo psíquico que está vazio e comprometido pela falta da falta. É necessário trabalhar as questões que o levam a comer compulsivamente”, Vitória Nascimento conclui.

E não parou por aí: a segunda atividade tomou forma por meio da oficina de nutrição funcional, que foi realizada pela nutricionista e chef da Sathya Nutri, Verinha Fernandes. Os participantes, em conjunto, colocaram a mão na massa ao fazer oito cucas de banana integral, sem lactose e diet.



Tanezini lembra de ir várias vezes à Brasília tentar negociar com o governo

Bárbara Zaiden



Rosana teve sua gestão marcada pela luta contra o machismo

Os plantões e a volta da greve

O professor Tanezini vivenciou os plantões em Brasília, enquanto Rosana Borges enfrentou o retorno da greve e o machismo

“Eu participei da criação do sindicato: 21 de dezembro de 1978, você não era nem nascido”, declara o professor Carlos Alberto Tanezini, um dos mais ativos no Adufg-Sindicato e, como ele mesmo relembra, participante do movimento docente desde o seu início, em lutas e comandos de greve. Mesmo assim, só foi presidente uma vez e membro da diretoria, assumindo os assuntos para aposentados e pensionistas.

Um presidente discreto, entre 2007 e 2009: “eu nunca tentei entrar nas chapas. Nunca tive aspiração política”, disse, em uma época em que o salário sofreu uma redução drástica. “Foi uma situação tão terrível que os professores não tinham como pagar a prestação da casa própria, não tinham como pagar a escola dos filhos”, relembra.

Assim como a ex-presidente Mindé Badauy e o professor Marco Antônio Sperb Leite, Tanezini se lembra da primeira greve e do embate com o general Ludwig: “[ele] queria saber porque estávamos nos arriscamos com essas demandas, pois todos nós podíamos perder o emprego. A greve terminou no dia 12 de dezembro: me lembro bem porque é meu aniversário. Nascia ali o movimento docente”.

O professor diz ter muito orgulho do Adufg-Sindicato, pelo pioneirismo e protagonismo nas lutas. “Fomos pioneiros em relação ao Andes e fomos pioneiros em relação ao Proifes. A Adufg sempre esteve adiante das reivindicações dos professores”, afirma.

Por participar de tudo isso, chegou um ponto em que foi cobrado: “você sempre participa, mas nunca foi da diretoria. Eu aceitei, foi uma disputa muito intensa com duas chapas muito fortes. Naquela época não tivemos greve e pudemos dedicar nossa gestão estritamente

Greve e machismo

Entre os desgastes vivos, Rosana enfrentou situações de machismo. A situação foi agravada durante uma greve muito violenta, pouco depois que ela assumiu o cargo de presidente. Já eram quase 10 anos sem greve. Uma assembleia foi convocada na UFG e o espaço foi insuficiente e teve que ser transferida para o Centro de Eventos, depois para a Emac.

“O machismo marcou as assembleias desse período, com ofensas e agressões. Qualquer outro presidente que passou por um enfrentamento em assem-

bleia, no máximo foi chamado de ‘pelego’. Mas eu era chamada de ‘vagabunda”.

A professora ainda chama atenção para a baixa participação das mulheres na diretoria: em 40 anos, apenas três foram presidentes. E é dura nas críticas: “a universidade é um ambiente machista, o movimento sindical é um ambiente machista. Penso que estamos, apesar de todas as discussões de gênero dentro da universidade, a anos-luz de conseguir ter uma práxis a par com o discurso que a gente faz de igualdade de gênero”, ressalta.

às demandas docentes”, conta.

Tanezini narra que, em sua gestão, já era possível sentir a mudança nos rumos do movimento docente, propondo mobilizações ao invés de greves e paralisações. “Quando assumi a presidência, o instrumento da greve já estava muito desgastado”. As idas a Brasília foram marcantes, os chamados “plantões”, devido aos períodos de espera a que a delegação era submetida para tentar negociar com o Ministério da Educação (MEC).

Nós íamos para uma reunião marcada para às 16h, a reunião começava à meia-noite e saíamos de lá às 3h da manhã. Às vezes a gente tinha que dormir lá. Era muito desgastante”. Mas o professor ressalta que valeu a pena, foi possível introduzir novos postos na carreira, como professor associado.

Segundo o professor, o ministério já falava sobre retirar o adicional de insalubridade no início dos

anos 2000. “Eu dizia para o secretário: ‘como os alunos de Medicina vão ter aula sem cadáver?’”.

Politicamente, ele conta que na época tiveram embates com o Andes. “Eles queriam nos ter novamente como filiados. Cinco professores entraram com um processo e nós tivemos que nos defender, porque eles não aceitavam nossa desfiliação. Nós ganhamos”.

Greve 2012

A professora Rosana Borges presidiu o Adufg-Sindicato de 2011 a 2014. Como continuação da gestão anterior, focou na melhoria da infraestrutura da sede campestre, a implementação da RPPN (que só foi consolidada agora) marcaram o trabalho da professora. A comunicação também foi destaque.

“Alguns fluxos foram ampliados, como a comunicação. Anteriormente, a gente tinha uma pessoa que fazia assessoria de comunica-

ção. Investimos na área”, conta, “investimos também em outras reformas na sede campestre e na sede administrativa, quando houve a aquisição do lote anexo e a construção de onde hoje é o salão e o Espaço Saúde”.

Foi na gestão de Rosana que o sindicato inseriu e investiu em outras atividades sociais, como o fortalecimento do coral, do Grupo Travessia, e a preparação do Espaço Saúde - que foi implementado na gestão seguinte. E uma das decisões mais marcantes: por sugestão do professor Juarez Ferraz de Maia foi criado o Jornal do Professor, depois da grande greve de 2012.

“É um jornal em que o professor e as professoras estão presentes. Foi pensado, também, para que estivesse presente a divergência de opinião, comuns à universidade e ao movimento sindical. Depois dessa greve consolidamos a linha editorial do jornal e o setor de comunicação”.

Após a greve, o Adufg-Sindicato saiu fortalecido. “Fizemos assembleias com 800, 900 professores nessa época e desde então em todas as assembleias que tratam de carreira são realizadas no Centro de Eventos, que é o local que comporta essa grande quantidade de professores. A gente não vê isso em outros Estados”, destaca.

Rosana tem orgulho da sua gestão, mas lembra que foi muito desgastante. “Foi uma experiência gratificante. Eu fico muito feliz de ir na sede campestre e ver tudo o que fizemos lá”, relembra. “A gente precisava expandir a sede administrativa porque ela não comportava mais as nossas demandas”. Entre as conquistas está o registro sindical, de 2015. “O registro sindical fortaleceu o movimento e faz jus à história da nossa entidade que nasceu independente e continua assim”.

Psicologia, Política e Esquizoanálise

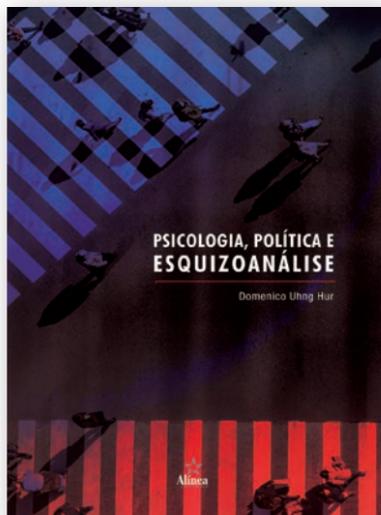
Lançamento aborda fenômenos psicológicos levando em consideração o contexto social

A Esquizoanálise é um conjunto de novos conhecimentos criados pelo filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista e ativista Félix Guattari. Em extensa obra, discorrem sobre os fenômenos psicológicos à luz das questões sociais, histórico-culturais, estéticas e políticas, fornecendo um enfoque de análise original que se diferencia tanto da psicanálise, quanto do marxismo.

Este livro discute conceitos da Esquizoanálise que servem como ferramentas de estudo dos processos psicopolíticos contemporâneos. Fornece linhas de experimentação que ampliam os repertórios da Psicologia e das Ciências Humanas, ao apreender os fenômenos na relação resultante entre poder, investimentos desejantes e processos de subjetivação, isto é, política, psicologia e subjetividade. Traz novos enunciados sobre a sociedade, inéditos em relação aos tradicionais campos teóricos, e que incitam um potencial insurgente, sempre direcionado à autonomia e à transformação.

Com uma linguagem acessível, introduz o leitor na dinâmica do pensamento 'deleuze-guattariano', bem como nas terminologias específicas que o expressam, baseando-se em oito temáticas fundamentais na articulação entre psicologia e política, as quais contribuem para a compreensão do atual cenário de efervescência e crise social: poder; subjetividade; instituições e códigos; capitalismo; práticas e agenciamentos psicopolíticos; microfascismos; Estado e políticas públicas e movimentos sociais.

Por seu caráter didático, pode ser utilizado como uma introdução à Esquizoanálise, relacionada aos processos políticos e psicológicos. Oferece elementos para a compreensão de que ela é ou fundamenta uma Psicologia Política, ou melhor, uma Psicologia Política Crítica, por meio de uma



Psicologia, Política e Esquizoanálise

Domenico Uhng Hur /
Editoria Alínea/ 315 páginas

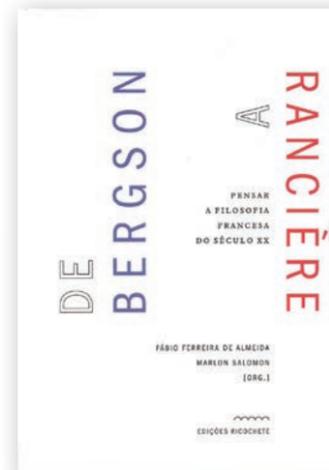
cuidadosa análise do diagrama de forças em vigência nas relações capitalistas contemporâneas. Oferece, assim, importantes subsídios teóricos que podem ser utilizados por estudiosos em geral, profissionais da área social, da saúde, da educação e, em especial, por psicólogos.

O livro é decorrente de meu 1º projeto de pesquisa realizado na UFG (2011-2015), intitulado Psicologia Social e esquizoanálise: crítica, poder e intervenção", conta o professor Domenico. "Assim, além de artigos, redigi esse livro para introduzir os leitores na temática da esquizoanálise e política", explica. O esboço do material foi ministrado por ele na disciplina de mestrado "Psicologia, política e subjetividade" (2015 e 2016), da pós-graduação em Psicologia da UFG e também numa disciplina de pós-graduação que ele ministrou como professor convidado na Universidade Pontifícia Bolivariana (Colômbia) em 2016. Por fim, o livro contém o prefácio do pensador que difundiu a esquizoanálise na América Latina, Gregório Barenblitt.

De Bergson a Rancière: Pensar a Filosofia Francesa do Século XX

Fábio Pereira de Almeida e Marlon Salomon (orgs.) /
Edições Ricochete/ 336 páginas

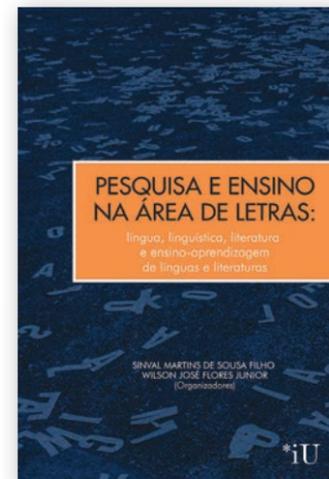
O presente volume reúne ensaios que apresentam alguns dos grandes filósofos franceses, ressaltando questões levantadas ou inauguradas pelo pensamento francês de Bergson a Rancière. Uma obra, ousaríamos dizer, indispensável, pois apresenta de maneira rigorosa, mas ao mesmo tempo entusiasmante, o panorama das grandes correntes intelectuais e culturais que transformaram, refundaram, reelaboraram nossa maneira de ver o mundo, a ciência, a política, as artes, a literatura, etc. A influência que a filosofia francesa do século XX ainda tem já não precisa ser demonstrada. Resta-nos apenas, a cada leitura, descobrir ou redescobrir a riqueza de um pensamento sempre vivo, profundo e, ao mesmo tempo, incisivo e instigante, de inigualável atualidade. Ele pretende apresentar obras, movimentos e autores.



Pesquisa e ensino na área de letras: língua, linguística, literatura e ensino-aprendizagem de línguas e literaturas

Sinval Martins de Sousa Filho e Wilson José Flores Junior /
Editora da Imprensa
Universitária/ 558 páginas

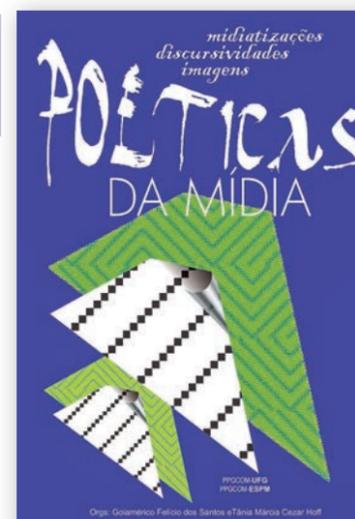
Esta publicação constitui um registro dos textos apresentados, em caráter de artigo resultante de dissertações e/ou de teses em andamento, no VII Seminário de Dissertações e Teses em Andamento (VII SDTA), evento de periodicidade anual, voltado à divulgação dos trabalhos científicos dos pós-graduandos da área de Estudos Literários e de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Goiás (UFG).



Poéticas da Mídia

Goiamérico Felício dos Santos e Tânia Márcia Cezar Hoff /
Editora da Imprensa
Universitária/ 265 páginas

Os estudos que compõem Poéticas da mídia: mídiatizações, discursividades, imagens originam-se de diversos percursos empreendidos por professores e pesquisadores em torno de projetos de pesquisa e parcerias de cooperação acadêmica. A obra é resultante de uma frutífera parceria que tem sido implementada, por meio do projeto Crítica Epistemológica Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos.



José Abrão



Os professores Ronés e Gustavo com o reitor Edward Madureira

Nova diretoria do ICB toma posse

Os professores Gustavo Pedrino e Ronés Paranhos assumiram, respectivamente, a diretoria e a vice-diretoria do Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

Eles assumem a gestão que estava nas mãos do professor Reginaldo Nassar Ferreira e seu vice, o professor Augusto Figueiredo. A solenidade contou com a presença do magnífico reitor da UFG, Edward Madureira, e da vice-reitora, Sandramara Chaves.

O ex-diretor do ICB e atual vice-presidente do Adufg-Sindicato, professor Walmirton Thadeu, se fez presente na solenidade, assim como Fernando Kratz, que também foi docentes do instituto. O novo vice-diretor,

Ronés Paranhos, agradeceu presença de todos os colegas e disse que “ser vice-diretor do ICB hoje é um grande desafio e um grande orgulho”, e destacou o fato de que foi aluno de escola pública por toda a vida, “da educação infantil ao doutorado” e firmou seu compromisso na defesa do ensino público brasileiro.

O professor Gustavo Pedrino se disse muito orgulhoso e prometeu trabalho: “quem me conhece sabe que eu fico mais na UFG do que em casa, até minha esposa briga comigo”, brincou, “vou me dedicar muito ao instituto. Ele não ficou do tamanho que ele é da noite pro dia, vem de uma história de conquistas. Foi construído por pessoas”.

Museu Antropológico recebeu programação da 12ª Primavera dos Museus

Entre os dias 17 e 26 de setembro foi realizada a 12ª Primavera dos Museus, apenas duas semanas após o incêndio do Museu Nacional e em meio à extinção do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O tema foi “Celebrando a Educação em Museus”, com a proposta de incentivar a reflexão sobre as atribuições do museu, como educar e contribuir no despertar do interesse nas diver-

sas áreas do conhecimento além da importância da memória e o valor do patrimônio cultural. Em Goiás, a programação envolveu museus de Goiânia, Pirenópolis, Cidade de Goiás, Serranópolis, Abadia de Goiás, Itaberaí, Itapuranga, Jataí e Pires do Rio. A UFG se fez presente através do Museu Antropológico que realizou palestra, oficinas, mesas-redondas e exibição de filme.

Charles Adryel



Ponta de flecha que faz parte do acervo do Museu Antropológico

Vice-presidente do Adufg participa de mesa de abertura da 29ª Semana do ICB

No dia 24/9 teve início a 29ª Semana do ICB com extensa programação acadêmica. Após a cerimônia, foi iniciada a mesa de abertura com o tema da semana: “ICB 50 anos – Uma história em construção”. Entre os participantes da mesa estiveram os professores Walmirton Thadeu, Fernando Kratz e Alberto Centeno, fundador do instituto. “Queria parabenizar a comissão organizadora pela escolha do tema. A História, ela contribui. Quem estuda História, que aprende com a História, norteia os procedimentos do presente, evita

erros” disse o professor Walmirton, criador da Semana do ICB e contou que o que motivou a sua criação foram as reclamações dos alunos: “eles chegavam perto de formar sem a integralização das suas horas complementares e diziam, ‘professor, eu não tenho tempo!’, ‘eu não tenho atividades o suficiente’, ‘eu não sei onde fazer’. Então queríamos ofertar a oportunidade para que eles fizessem essas atividades aqui dentro do ICB”. Ele disse que deu muito trabalho, mas que os resultados foram imediatos, “os alunos se envolviam muito”.

Charles Adryel



Os professores Kratz, Centeno e Walmirton na mesa de abertura

Adufg-Sindicato participa do II Encontro Nacional do GT Direitos Humanos do Proifes-Federação

A diretora de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior, Geovana Reis, e o professor Serigne Ababacar (UFCAT) representaram o Adufg-Sindicato no segundo encontro do Grupo de Trabalho Direitos Humanos do Proifes-Federação, em São Carlos (SP). A primeira mesa de discussões foi coordenada pela professora Geovana. Nas discussões, representantes de diversos sindicatos federados apresentaram temáticas ligadas ao GT. Segundo Geovana, as dis-

cussões estiveram em torno de políticas de ações afirmativas e de permanência nas universidades públicas e da diversidade. A diretora avaliou a mesa como rica e produtiva, na medida em que o debate foi amplo e diversificado. “A gente considera que é um avanço muito grande essa temática dos direitos humanos fazer parte da agenda de uma Federação, um espaço que normalmente essas temáticas não são elaboradas”, disse Geovana sobre o GT.

Morre o historiador Sérgio Paulo Moreyra

É com enorme pesar que o Adufg-Sindicato informa o falecimento do professor Sérgio Paulo Moreyra, do curso de História da UFG. O docente foi tesoureiro na fundação do Adufg-Sindicato e vice-presidente da primeira diretoria, gestão da professora Mindé Badauy, eleita em 1979. Paulo Sérgio é autor do livro Re-

lações de Trabalho no Campo: O caso da escravidão por dívidas em Goiás, publicado pela Editora UFG. O docente também foi Vice-Reitor da universidade na gestão Ricardo Bufaiçal. O velório ocorreu no Cemitério Jardim das Palmeiras. O sindicato presta condolências e oferece apoio à família do professor.

Matemática de sucesso



Charles Adryel

A professora apaixonada por Matemática veio de Suzano (SP) e ajudou a fundar o curso de informática da UFG

“Meu avô era um comerciante, tinha um armazém de secos e molhados lá no Japão, em Tóquio, e ele queria que meu pai fosse advogado”, conta a professora aposentada Kazue Yamaguchi, “então ele terminou a faculdade, entregou o diploma para o meu avô e veio para o Brasil”. Assim, o senhor Yamaguchi veio para uma fazenda de café e depois adquiriu um sítio em Suzano (SP) “e podia fazer o que ele gostava: estudar os componentes da terra, o que ele precisava para melhorar a terra e para plantar frutas e hortaliças”. Pouco depois ele trouxe toda a família e logo se casou com a filha de um vizinho, também nipônico.

“Aí a Segunda Guerra já tinha começado no Japão e o Eixo era muito malvisto no Brasil porque eram inimigos”, conta a professora, “Foi um período difícil. Os livros em japonês que meu pai tinha ele teve que encaixotar e enterrar para salvá-los senão os brasileiros queimavam. Os japoneses na época se fossem até a cidade em grupos de dois ou três eram presos porque diziam que estavam conspirando contra o Brasil”. Em meio a tudo isso, nasceu Kazue, em 1943.

No fim das contas, ela ficaria em Suzano apenas até os cinco anos. “Meu pai conheceu um senhor americano que morava em Anápolis. Ele era pastor evangélico do grupo que criou o Colégio Couto Magalhães. Meu pai aceitou o convite e adquiriu uma chácara em Anápolis no caminho para Jaraguá, perto da base aé-

rea e fomos criados nessa chácara”, conta. E assim eles vieram. O Sr. Yamaguchi continuou envolvido com a terra e Kazue se lembra de crescer na chácara com todo tipo de fruta e hortaliça: “ele plantava milho, tomate, alface, cenoura, banana, manga. Produzia muita coisa”.

Ela então foi estudar no Couto Magalhães, que na época só tinha o primário e era tempo integral como o regime era americano. Logo ela terminou o ensino básico e decidiu que queria fazer faculdade. “Eu já sabia que eu queria ser professora”, disse, a dúvida era professora de quê. A resposta veio de seus próprios professores: “eu tive um professor de Matemática muito bom no ginásio. Ele tinha uma didática muito boa e a gente aprendia sem ver. Depois no científico eu peguei também um professor de Matemática muito bom. Aí eu me apaixonei por Matemática”, finaliza.

“Fiz o vestibular na Católica, porque não tinha o curso de Matemática na UFG, só depois que foi criado o Instituto de Matemática e Física (antigo IMF)”, relembra, “fiz graduação na Católica e fiz o concurso na UFG quando terminei e passei”. Com 25 anos, ela era professora em ambas as instituições e foi para o Rio de Janeiro fazer mestrado.

Informática

Hoje todo mundo tem um computador pessoal no bolso, falar dos primórdios da informática parece estranho. Foi exatamente esse

desafio dos pioneiros que Kazue teve que enfrentar ao lado de seus colegas. “Eu fui uma das fundadoras do curso de Informática. Se você for lá e olhar aquela placa meu nome está lá entre muitos (risos)”.

Na época, o IMF atendia todo mundo da universidade ensinando Informática. “A maioria não tinha conhecimento, não sabia nem o que era computador”. O primeiro computador que a universidade adquiriu foi um IBM 1130, que sequer tinha uma tela. Para o período, era incrível: “era uma maravilha! Era uma coisa muito nova, muito moderna”, conta a professora. Aos poucos, a demanda foi crescendo conforme órgãos governamentais compravam computadores.

Quando foi criado o curso de informática a UFG comprou seu primeiro minicomputador. “Lutamos muito para conseguir os microcomputadores e a universidade adquiriu uns 10 para montar a sala de informática”, conta Kazue. Com o passar do tempo, ela relembra que alunos de todos os cursos iam ao IMF fazer a disciplina de processamento de dados já que os computadores começavam a dar as caras em outras unidades, áreas do conhecimento e empresas.

“Fui professora de estágio e olha, acho que não teve um aluno da primeira turma de informática que se formou sem estar empregado”, disse. Nesse período ela conta que a maior parte das empresas estavam absorveram os graduados, mas que uma porção deles deu início às

A professora Kazue Yamaguchi sempre soube que queria ser professora e foi pioneira no uso de computadores na UFG

primeiras empresas de computação e informática na cidade que por sua vez absorveram os estagiários e profissionais seguintes.

Aposentadoria

Kazue se aposentou em 1990, mas não parou. Dois dias depois ela foi convidada a assumir a direção da escolinha da antiga Asusfego, hoje Sint-Ifes, conveniada à prefeitura. “Tinham mais ou menos 375 alunos em dois turnos e atendia a meninada da região todinha”, conta, “tinha criança que vinha de longe a pé. Tínhamos que cuidar da merenda escolar porque elas vinham com fome. Eu corri atrás de alguns supermercados grandes para adquirir verduras, alimentos, para poder fazer um almoço melhor para os meninos”. Correria que às vezes incluía até o hospital. Ela conta que o lugar tinha piscina, alambrado e muitas árvores que eram prontamente escaladas: “se o menino machucasse, eu que tinha que levar no Cais”.

Em 1992 ela se aposentou “de verdade” e de lá pra cá só tem feito trabalhos filantrópicos. “Me engajei na maçonaria porque meu marido era maçom. Ele faleceu e eu continuei indo na maçonaria e até hoje trabalho com meninos que são filhos, netos, amigos dos maçons para eles não irem para caminhos ruins”. Fora isso, ainda sobra um tempinho para a família: seus filhos e netos, embora não veja os netos com tanta frequência assim. “As crianças de hoje têm a agenda tão cheia! (risos)”, brinca.